



A IGREJA QUE ESTÁ EM TUA CASA

MINISTÉRIO DE PEQUENOS GRUPOS

A PÁSCOA JUDAICA E A PÁSCOA DE JESUS

Guia de Estudo

Este Guia de Estudo foi elaborado para facilitar a discussão em Pequenos Grupos.

IGREJA BATISTA DE ÁGUA BRANCA

A PÁSCOA JUDAICA E A PÁSCOA DE JESUS

A Páscoa é uma festa judaica. Para entender a Páscoa você precisa entender um pouco da história do povo judeu.

Supremo propósito

A história dos judeus começa com um homem de nome Abraão, que recebe de Deus um chamado e uma promessa:

Então o Senhor disse a Abrão: “Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei. “Farei de você um grande povo, e o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome, e você será uma bênção. Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem; e por meio de você todos os povos da terra serão abençoados”.

(Gênesis 12.1-3)

O propósito de Yahweh com o seu povo escolhido era construir uma nação capaz de revelar seu nome para toda a terra e abençoar todos os povos da terra. No plano de Yahweh, seu povo escolhido habitaria uma terra de prosperidade onde implementaria um reino de justiça e paz. Um reino de Shalom: abundância de tudo para todos.

“Eu sou o Senhor, Deus de Abraão, teu pai, e Deus de Isaque. A terra em que agora estás deitado, eu ta darei, a ti, e à tua descendência... e na tua descendência (i.e., no Messias) serão abençoadas todas as famílias da terra”.

(Gênesis 28.13,14)

Agora, se me obedecerem fielmente e guardarem a minha aliança, vocês serão o meu tesouro pessoal dentre todas as nações. Embora toda a terra seja minha, vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa.

(Êxodo 19.3,4)

Que Deus tenha misericórdia de nós e nos abençoe, e faça resplandecer o seu rosto sobre nós para que sejam conhecidos na terra os teus caminhos, a tua salvação entre todas as nações. Louvem-te os povos, ó Deus; louvem-te todos os povos. Exultem e cantem de alegria as nações, pois governas os povos com justiça e guias as nações na terra. Louvem-te os povos, ó Deus; louvem-te todos os povos. Que a terra dê a sua colheita, e Deus, o nosso Deus, nos abençoe! Que Deus nos abençoe, e o temam todos os confins da terra.

(Salmo 67)

A promessa de Deus a Abraão significava que o Messias seria um dos seus descendentes. Quando a Bíblia fala que na descendência de Abraão todas as famílias da terra seriam abençoadas, na verdade está falando de Jesus Cristo, em cumprimento ao veredicto que foi dado à serpente no jardim do Édem:

Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar”.

(Genesis 3.15, chamado proto-Evangelho)

A aliança entre Deus e Abraão jamais pode ser interpretada como um pacto entre um Deus tribal e uma povo exclusivo, até porque a escolha não se explica pelos méritos particulares do povo, mas pelos propósitos universais de Deus:



“O Senhor não se afeiçoou a vocês nem os escolheu por serem mais numerosos do que os outros povos, pois vocês eram o menor de todos os povos. Mas foi porque o Senhor os amou e por causa do juramento que fez aos seus antepassados”.

(Deuteronômio 7.7,8)

Na gênese da aliança celebrada por Deus com Abraão está o propósito de Deus em abençoar todas as famílias da terra e estabelecer entre os homens um reino de justiça e paz, figurado no Estado Nação de Israel na terra de Canaã.

A Páscoa judaica

Mas por um desses mistérios de Deus, o povo judeu cresce e se multiplica dentro de uma outra nação poderosa e próspera, o Egito. Acolhidos no Egito num tempo em que a terra foi assolada pela fome, os descendentes de Abraão se tornam uma numerosa nação. O Faraó, então, se sente ameaçado e decide escravizar o povo que se multiplica e se fortalece dentro de suas fronteiras.

Disse o Faraó ao seu povo: “Vejam! O povo israelita é agora numeroso e mais forte que nós. Temos que agir com astúcia, para que não se tornem ainda mais numerosos e, no caso de guerra, aliem-se aos nossos inimigos, lutem contra nós e fujam do país. Estabeleceram, pois, sobre eles chefes de trabalhos forçados, para os oprimir com tarefas pesadas. E assim os israelitas construíram para o faraó as cidades-celeiros de Pitom e Ramessés. Todavia, quanto mais eram oprimidos, mais numerosos se tornavam e mais se espalhavam. Por isso os egípcios passaram a temer os israelitas, e os sujeitaram a cruel escravidão. Tornaram-lhes a vida amarga, impondo-lhes a árdua tarefa de preparar o barro e fazer tijolos, e executar todo tipo de trabalho agrícola; em tudo os egípcios os sujeitavam a cruel escravidão.

(Êxodo 1.9-14)

A identidade do povo judeu se constrói entre dois extremos: a promessa de protagonizar um reino de Shalom que abençoa todas as famílias da terra e a cruel escravidão no Egito.

Deus aguarda 420 anos para dar o próximo passo estratégico na direção de seu propósito revelado em Abraão.

E então, do meio da sarça Deus o chamou: “Moisés, Moisés!” “Eis-me aqui”, respondeu ele. Então disse Deus: “Não se aproxime. Tire as sandálias dos pés, pois o lugar em que você está é terra santa”. Disse ainda: “Eu sou o Deus de seu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, o Deus de Jacó”. Então Moisés cobriu o rosto, pois teve medo de olhar para Deus. Disse o Senhor: “De fato tenho visto a opressão sobre o meu povo no Egito, tenho escutado o seu clamor, por causa dos seus feitores, e sei quanto eles estão sofrendo. Por isso desci para livrá-los das mãos dos egípcios e tirá-los daqui para uma terra boa e vasta, onde manam leite e mel: a terra dos cananeus, dos hititas, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus. Pois agora o clamor dos israelitas chegou a mim, e tenho visto como os egípcios os oprimem. Vá, pois, agora; eu o envio ao faraó para tirar do Egito o meu povo, os israelitas”.

(Êxodo 3.4-10)

A missão delegada por Deus a Moisés era simples e clara: apelar ao Faraó para que liberte o povo hebreu.



Disse mais o Senhor a Moisés: “Quando você voltar ao Egito, tenha o cuidado de fazer diante do faraó todas as maravilhas que concedi a você o poder de realizar [...] Depois diga ao faraó que assim diz o Senhor: Israel é o meu primeiro filho, deixe o meu filho ir para prestar-me culto.”

(Êxodo 4.21-23)

Mas como bem disse Martin Luther King Jr., “a liberdade nunca é voluntariamente concedida pelo opressor; ela tem de ser exigida pelo oprimido”. Mediante a recusa do Faraó, Deus age com braço forte para promover a libertação do seu povo. Manifesta seu poder e soberania sobre toda a terra e todos os povos enviando dez pragas ao Egito. A última praga é a morte dos primogênitos. Deus adverte ao egípcios que caso não concedam liberdade aos judeus, a vida de todos os seus primogênitos seria ceifada pelo anjo da morte.

Naquela mesma noite passarei pelo Egito e matarei todos os primogênitos, tanto dos homens como dos animais, e executarei juízo sobre todos os deuses do Egito. Eu sou o Senhor!

(Êxodo 12.12)

Foi nesse contexto que Deus estabeleceu a Páscoa judaica.

O Senhor disse a Moisés e a Arão, no Egito: “Este deverá ser o primeiro mês do ano para vocês. Digam a toda a comunidade de Israel que no décimo dia deste mês todo homem deverá separar um cordeiro ou um cabrito, para a sua família, um para cada casa. Guardem-no até o décimo quarto dia do mês, quando toda a comunidade de Israel irá sacrificá-lo, ao pôr-do-sol. Passem, então, um pouco do sangue nas laterais e nas vigas superiores das portas das casas nas quais vocês comerão o animal.

Naquela mesma noite comerão a carne assada no fogo, com ervas amargas e pão sem fermento. Ao comerem, estejam prontos para sair: cinto no lugar, sandálias nos pés e cajado na mão. Comam apressadamente. Esta é a Páscoa do Senhor [...] Naquela mesma noite passarei pelo Egito e matarei todos os primogênitos, tanto dos homens como dos animais, e executarei juízo sobre todos os deuses do Egito. Eu sou o Senhor! O sangue será um sinal para indicar as casas em que vocês estiverem; quando eu vir o sangue, passarei adiante. A praga de destruição não os atingirá quando eu ferir o Egito. [...] Este dia será um memorial que vocês e todos os seus descendentes celebrarão como festa ao Senhor. Celebrem-no como decreto perpétuo. Celebrem a festa dos pães sem fermento, porque foi nesse mesmo dia que eu tirei os exércitos de vocês do Egito. Celebrem esse dia como decreto perpétuo por todas as suas gerações.

(Êxodo 12.1-20)

A Páscoa judaica, celebrada anualmente, é uma celebração de sua libertação da escravidão do Egito. Páscoa é a palavra hebraica que significa “passagem” ou “passar por cima”. Em sua origem, portanto, a Páscoa judaica está assentada em quatro conceitos: escravidão, libertação, cordeiro e reino de Shalom. O propósito de Deus com o povo judeu não era apenas assentá-lo em uma terra (Canaã), para fazer dele uma nação próspera, mas através dele suscitar o Messias e abençoar todas as famílias da terra.

A Páscoa de Jesus

Passados dois mil anos, tendo os judeus celebrado anualmente a festa da Páscoa, Jesus de Nazaré pisa o solo da terra prometida, agora ocupada por outra potência: Roma. Quando João Batista se encontra com Jesus pela primeira vez, aponta em sua direção e faz uma



declaração solene: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (João 1.29).

É na qualidade de cordeiro de Deus [agnus Dei] que Jesus celebra a Páscoa com seus discípulos e dá a ela uma outra dimensão e um outro significado. Na verdade, resgata e cumpre o propósito original de Deus celebrado na primeira Aliança, feita com Abraão e sua descendência.

Enquanto comiam, Jesus tomou o pão, deu graças, partiu-o, e o deu aos seus discípulos, dizendo: “Tomem e comam; isto é o meu corpo”. Em seguida tomou o cálice, deu graças e o ofereceu aos discípulos, dizendo: “Bebam dele todos vocês. Isto é o meu sangue da aliança que é derramado em favor de muitos, para perdão de pecados. Eu lhes digo que, de agora em diante, não beberei deste fruto da videira até aquele dia em que beberei o vinho novo com vocês no Reino de meu Pai”.

(Mateus 26.26-29)

Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi sacrificado.

(1Coríntios 5.7)

As diferenças entre a Páscoa judaica e a Eucaristia cristã são pelo menos quatro.

1. A Páscoa judaica é uma celebração entre Deus e um povo, a Eucaristia cristã é uma celebração entre Deus e toda a humanidade.
2. A Páscoa judaica é uma celebração em memória de uma libertação política, a Eucaristia cristã é uma celebração em memória de uma libertação espiritual-integral.
3. A Páscoa judaica é uma celebração baseada no sangue de animais, a Eucaristia cristã é uma celebração baseada no sangue de Jesus.
4. A Páscoa judaica é uma celebração que visa a constituição de um estado nação, a Eucaristia cristã é uma celebração que visa a realidade eterna do reino de Deus, reino dos céus.

“Se a Páscoa de Israel foi a libertação de escravos políticos e econômicos para transformá-los em pessoas livres, aliados de Deus e possuidores de esperanças, a Páscoa de Jesus é a libertação da causa de todas as escravidões, a elevação de homens e mulheres à dignidade de filhos e filhas do pai celeste e herdeiros da vida eterna”.

(Dom Luís Soares Oliveira, Folha de S.Paulo, 4 de abril de 2010, Caderno A3)

Vida completa

Esta compreensão ampliada da Páscoa esclarece a promessa de vida abundante feita por Jesus a todos nós.

O ladrão vem apenas para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente.

(João 10.10)

A Eucaristia cristã estabelece um outro conceito de escravidão e uma outra proposta de libertação. A escravidão agora não é mais de um povo nem tampouco de caráter político, social e econômico. A escravidão de que Jesus liberta é espiritual: em Cristo, somos livres da morte, “passamos da morte para a vida” (João 5.24). A obra de Jesus, portanto, consiste em trazer vida em abundância, ou vida completa. Em termos práticos, isso implica nos libertar da morte e de seus sinais, inclusive históricos.



O adversário de Jesus é aquele que mata, rouba e destrói. Roubado é aquilo que pertence a você, mas lhe foi usurpado e não está em sua posse. Destruído é aquilo que mesmo em sua posse, está danificado e não pode ser desfrutado em plenitude. Morto é aquilo que lhe foi tirado e já não existe mais. Há muitas coisas que ainda existem, são nossas, mas já não estão conosco, ou estão conosco, mas não podemos usufruir plenamente, e também coisas nossas que já não existem mais. Essas são as maneiras como a morte invade nosso mundo e nos rouba a vida abundante, isto é, a vida completa. Enquanto estamos nesse mundo, a vida não é plena, não é completa, não é abundante. A morte é uma realidade presente, um inimigo que ainda não foi vencido (1Coríntios 15.26).

Mas a Páscoa cristã não é apenas a celebração da morte do cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Não é uma festa que restrita à sexta-feira da paixão. A Páscoa cristã é uma celebração da ressurreição de Jesus no raiar do domingo. Por esta razão, podemos crer que, assim como a morte ainda se manifesta em nosso mundo e nossas vidas, também a vida abundante, plena, completa de Jesus se manifesta em nós e entre nós.

Porque Cristo ressuscitou podemos e devemos nos levantar contra a morte em todas as suas dimensões. Devemos e podemos esperar e trabalhar pela restituição do que nos foi roubado, restauração do que foi destruído e ressurreição do que já não existe mais. Algumas coisas sobre as quais a morte colocou suas mãos sujas podem ser recuperadas. A resposta de Cristo ao que nos foi roubado é restituição. Ao que foi destruído é restauração. Ao que foi morto é ressurreição. Nessa vida e nesse mundo, ou como dizia meu velho pastor, “nesse lado de cá do céu”, não teremos acesso a tudo quanto Jesus nos prometeu. O reino de Deus (equivalente ao reino de Shalom do Antigo Testamento) será consumado na eternidade. Mas já foi inaugurado na história: o rompimento do lacre romano no domingo da ressurreição tem duplo sentido e significado: destruição do poder inferno e da morte e deflagração do processo final de redenção

Portanto, visto que os filhos são pessoas de carne e sangue, ele também participou dessa condição humana, para que, por sua morte, derrotasse aquele que tem o poder da morte, isto é, o Diabo, e libertasse aqueles que durante toda a vida estiveram escravizados pelo medo da morte.

(Hebreus 2.14,15)

Não tenha medo. Eu sou o Primeiro e o Último. Sou Aquele que Vive. Estive morto mas agora estou vivo para todo o sempre! E tenho as chaves da morte e do Hades (mundo dos mortos).

(Apocalipse 1.17,18)

Considerações finais

Sabemos que, tendo sido ressuscitado dos mortos, Cristo não pode morrer outra vez: a morte não tem mais domínio sobre ele.

(Romanos 6.9)

“O ressuscitado arrebatou as prisões quando arrebatou o sepulcro onde o colocaram morto”, disse Dom Luis Soares Oliveira, já citado. Na verdade, arrebatou todas as prisões. E nos convoca a todos para desfrutar de tudo quanto se chama vida e lutar contra tudo quanto se chama morte. O que não conseguirmos vencer aqui, será vencido no dia da ressurreição, pois é certo que da mesma forma como experimentamos a morte, experimentaremos a vida da ressurreição de Jesus Cristo.



Ou vocês não sabem que todos nós, que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados em sua morte? Portanto, fomos sepultados com ele na morte por meio do batismo, a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova. Se dessa forma fomos unidos a ele na semelhança da sua morte, certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição. Ora, se morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos.

(Romanos 6.3-8)

Quando, porém, o que é corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal, de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: “A morte foi destruída pela vitória. Onde está, ó morte, a sua vitória? Onde está, ó morte, o seu aguilhão?” O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a Lei. Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.

(1Corintios 15.54-57)

© 2010 Ed René Kivitz